

A DIMENSÃO DA ESTILÍSTICA

FREIRE, Flávia Maria Pinto
flaviaunit@bol.com.br

MELO, Telma Maria Santos
telmaunit@bol.com.br

SILVA, Maria Silvaneide Santos
ciu_38@hotmail.com

ARAÚJO, Maria José de Azevedo

Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação e Professora do Curso de Letras/Português da
Universidade Tiradentes – UNIT
azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

Considera um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias de comunicação: se está em um ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores. Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas lingüísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia-a-dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. Não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação.

Palavras-Chave: Variedade estilística, variedade lingüística, gramática, estilo.

INTRODUÇÃO

A estilística surgiu como uma disciplina, despertando o interesse em estetas e em outras estudiosas das ciências ligadas à língua como: lingüistas, socio-lingüistas e críticos. Cada um estudioso criou teorias para que os mesmos servissem de base ao estudo da nova disciplina, por conta de que são muitos estudiosos como também as teorias óbvio que houvesse confrontos, questionamentos e críticas.

Diante do enunciado anterior, explicitaremos alguns conceitos e posicionamentos os quais nortearam o presente trabalho científico.

Segundo Docrot, (1981) ele define a eloqüência é composta de vários enunciados. Explicaremos enunciando como uma característica estilística de um texto, a inter-relação do aspecto verbal; para Bakhtin é a atividade do locutor para o interlocutor, ou seja o dialogismo e ainda considera o enunciado uma grande importância para o entendimento e que o mesmo possui três elementos: tema, estilo e composição. Já Eduardo Guimarães vê enunciado como unidade discursiva e afirma que só existe enunciado se existir relação com outros enunciados, e a matéria física que constitui o começo, meio e fim de um texto.

Na visão crítica de Síris Possente ele declara: Que todo enunciado não deve excluir a discurso. Foucault conceitua enunciação como um acontecimento que não se repete; Bakhtin encontra no plano a enunciação terreno para semântica (1971, p. 13).

Dentre os vários conceitos de “língua”, Bakhtin (1996) diz que ela é arbitrária, porém necessária como também sua ideologia, e afirma que o ser humano não vive sem ideologia. Nós não temos ideologia a ideologia é quem nos tem.

O lingüista Saussure (1972) diz que a língua é comum a todos e é universal. Porém para Arnald e Lancelot, a língua foi inventada para que o homem expressasse o pensamento através dela, já Mattoso Câmara diz que a língua é a forma que usamos para estabelecer e tornar conhecida as nossas representações. Segundo Balley, a língua tem função primordial de representar uma idéia geral. Eduardo Guimarães define-a como uma dispensação de regularidade lingüística.

Na visão de Sírio Possente (1996) a que crítica os conceitos de língua acima citadas diz: A língua é coletiva, é uma manifestação de sistema, é variável de acordo com o falante e a sociedade em que vive, valorizando assim no seu posicionamento a sociolingüística que a vê como uma relação ativa de forma e conteúdo.

Dando a continuidade das partes que forma a eloquência chegamos em “Estilo” que no posicionamento de Decrot, (1983) Estilo está contido na língua para operação do texto, os registros da língua porque os estilos estão na língua e na psique dos usuários enfatizando a figurabilidade, os sintagmas verbais, semânticos e sintáticos.

Para Bakhtin, (1992) o estilo é um elemento na unidade do gênero, que depende da semântica e das esferas das atividades que são várias. Não existe estilo se não houver gênero. Os dois possuem um reme indissolúvel. Bakhtin diz que estilo é o homem.

Sírio Possente (1988) faz críticas e ao mesmo tempo concorda com outros conceitos como o de Saussure quando diz que estilo é parole – discursos particular de todo falante. No entanto crítica as concepções que separa a língua do estilo, estilo de gramática, porque acredita que há estilo no interior da gramática. Mattoso afirma que estilo é um desvio da gramática. Balley considera que é a necessidade de expressão do indivíduo tanto no ponto de vista psicológico como sociológico. Tanto Mattoso como Balley acreditam que só há estilo quando há aspecto emotivo.

Segundo os lingüistas o estilo controla a liberdade. Os gramáticos definem estilo de uma forma vaga, tendo como ponto de referência a oposição língua-fala, língua-gramática e de outro lado estilo.

A estilística estuda os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo. O gerativista Thorne, (1986) considera a língua universal e quem faz o estilo é autor. Segundo o sociolingüista Labov, (1985) o estilo é sem traumas familiar chamado de vernáculo. O estilo não é determinado apenas pelo contexto.

Ainda continuando a eloquência vejamos os conceitos de gênero do discurso que nele está enunciado na obra. Para Bakhtin, (1996) são as variedades das nossas atividades com processo constante de modificação e complexidade dos gêneros. Ele ainda classifica os discursos como simples e complexos. Porém os mais propícios são os gêneros, literários e os menos propícios são os livros didáticos padronizados.

Por sua vez Sírio Possente (1998) tenta dissolver a dicotomia. Enfoca a oposição de discurso-língua não se opõe discurso a gramática, mas quer que a gramática explique o discurso, levando em conta o estilo. Em Citelli vemos algumas classificações de discurso como o lúdico (música e literatura), polêmica (discussão entre amigos; uma defesa de tese), autoritário (na família, na igreja, no quartel e na comunicação de outros gêneros).

E para averiguação destes posicionamentos teóricos analisamos o emprego de estilo nos livros didáticos.

Por isso essa segunda parte é composta das análises de dois livros didáticos: Literatura, gramática e criatividade volume I de Haroldo Romanzini e Português novo Ensino Médio de João Domingues Maia, com o intuito de comprovar a importância, o espaço que os autores reservam para estudo de estilo.

Haroldo Romanzini introduziu o estudo estilo e gênero literário, através do método da consciência do criador, como um modo individual do artista desde a capa do livro como estilo de arte visual e a capa do fundo com o soneto de Luiz Vaz de Camões, do qual trabalha a gramática, suas nuances; a escrita de um português fluente com uma linguagem formal e acessível, afirmando também que a leitura é o meio formal de conhecer o estilo de Camões.

Já Maia, no seu, aborda a noção de estilo, estilo individual e da época, de visão dos estilos da época. Ele também estende para outras esferas: música, pintura, arquitetura e principalmente na literatura tendo respaldo de Balley. Embora tenha tido a intenção de trabalhar o texto em todos os aspectos citados, a gramática foi totalmente desvinculada, pois a pontuação foi evidenciada como um recurso importante para a leitura. Logo tratando-se da obra distintas, as quais aborda o mesmo assunto “Estilo”, constatamos o estilo individual que cada autor empregou no seu livro didático.

E estilo, apesar de fazer parte dos livros didáticos, ainda não lhe é dada uma atenção merecida, pois nunca se encontra no início da unidade e sim no meio ou no final, principalmente nas gramáticas.

Consta dos posicionamentos teóricos de enunciado segundo Ducrot, Todorov, Bakhtin, Eduardo Guimarães, Sírio Possente, Saussure, Mattoso Câmara e Balley, todos os títulos e subtítulos contêm enunciados que dão a idéia de que toda eloquência do discurso detém uma parte de cada posicionamento. Por isso ao presenciarmos alguém discursando, percebemos se tem ou não o domínio da eloquência, o dom da persuasão. Porque muitos oradores não estão conscientes de que um discurso perfeito é constituído de enunciados em qualquer língua, seja ele oral ou escrito, determinando o estilo e os gêneros da discussão.

Para persuadir, convencer e embelezar o discurso era dom da retórica desde o tempo de Aristóteles. Mas no final do século XIX, passa a ser responsabilidade de sua herdeira: a Estilística, que faz uma reflexão do que herdou de todo processo exigido para o uso da palavra, da importância das outras disciplinas, até mesmo dos críticos para sua afirmação.

E a nova disciplina faz um estudo teórico, que é o arcabouço da aplicabilidade da língua, dos conceitos de: Enunciado, Enunciação, Língua, Estilo e Gênero do Discurso, que estilicistas, lingüísticas e sociolingüísticos encontram concepções que entre si concordam,

discordam e criticam. Essas concepções estão explicitadas nas seguintes obras: Dicionário Enciclopédia das Ciências da Linguagem de Oswald Ducrot da Editora Perspectiva; Estética, da Criação Verbal - Os gêneros do Discurso: Problemática e Definição de Mikhail Bakhtin; História e Sentido na Linguagem – Enunciação e História de Eduardo Guimarães. Discurso e Estilo e Subjetividade: a introdução e o capítulo 10. O Estilo na lingüística de Sírio Possenti.

Cada um deles e mais outros estudiosos, assim conceituam.

Ducrot, define enunciado como uma característica de um texto, a inter-relação do aspecto verbal: o significante fônico e com o sintático: As técnicas desenvolvidas na gramática gerativa, mais o semântico que é a penetração progressiva da frase através da representatividade das palavras devido a denotação da figuralidade, as expressões conotativas e da plurivalência que é a referência com outros discursos; e as divisões das unidades, até o enunciado inteiro.

Para Bakhtin é a atitude do locutor para o interlocutor, sua formação é influenciada pelos ouvinte, já que a questão fundamental é a evocação do “outro”, ou seja valoriza o dialogismo, embora considere difícil definir a sua natureza, a sua heterogeneidade. Segundo ele, desenvolve-se a partir do aspecto semântico e considera o enunciado importante para o entendimento possuidor de três elementos: tema, estilo e composição que pode ser particular, primário e secundário. E é a unidade real da comunicação verbal permitindo compreender melhor a natureza das unidades da língua.

Já Ducrot, enunciação é a relação entre os protagonistas do discurso: o locutor, o receptor e referente. É uma descrição do discurso referido seja ele do estilo direto ou indireto; a situação temporal dos protagonistas; a atitude do locutor na qual distingue-se o estilo e emotivo, avaliativo e emodializante. Um acontecimento histórico (“Independência ou morte”) por que a frase é um objeto de um enunciado, e é um ato individual.

Eduardo Guimarães considera que é um acontecimento sócio – histórico da produção do enunciado ou seja é tudo que acontece na linguagem marcada pela história, mas determinada pela sociedade; não é um ato individual do sujeito e nem irrepetível.

Conceitua como unidade discursiva que se caracteriza com elementos de uma prática social, incluindo uma relação com o sujeito. Também afirma que só é enunciado se existir relação com outros enunciados, e a matéria física que constitui o começo, meio e fim de um texto.

Conceituando língua, Bakhtin diz que é arbitrário, é necessária e tem sua ideologia. Afirma que o ser humano não existe sem ela, nem mesmo o pensamento. Por isso valoriza o dialogismo que adequa-se ao meio e que suas unidades são palavras e orações.

Saussure considera que é comum a todos, é universal e uniforme, embora com equilíbrio instável, que é a competência da gramática gerativa, o saber de um falante-ouvinte idealizado.

Segundo Arnaulde e Lancelot, a língua foi inventada para permitir aos homens comunicarem uns aos outros seus pensamentos.

A língua para Matoso são as formas que usamos para estabelecer e tornar conhecidos as nossas representações, a exteriorização do estado da alma e o impulso de fazer o próximo partilha-la bem como o desvio da norma.

Para Bally ela tem função primordial de representar uma idéia geral, é ideacional sem emoção.

E Sírio Possente crítica todos os conceitos dado à língua, pois para ele é coletiva, é uma manifestação de sistema, é variável de acordo com o falante e a sociedade em que vive. Por isso valoriza a sociolinguística. É a relação ativa de forma e conteúdo.

Conceituando “estilo”, Sírio Possente faz críticas e ao mesmo tempo concorda com outros conceitos, porque para ele estilo é a propriedade essencial do discurso ou a personagem principal; é individual, depende de cada um, é universal, concorda com Saussure, pois para este estilo é Poole – discurso particular de cada falante. Embora critique as concepções que separa língua de estilo, estilo de gramática, porque acredita que há estilo no interior da gramática.

Mattoso acredita que é um desvio da gramática.

Bally considera que é a necessidade de expressão do indivíduo tanto do ponto de vista psicológico como sociológico. Na provocação é o percurso do pensamento e as palavras marcam o estilo das pessoas. Tanto Mattoso como Bally acreditam que só existe estilo quando há aspecto emotivo, quando o aspecto educacional prevalece, não há estilo.

Para Bakhtin, o estilo é o elemento na unidade de gênero de um enunciado. Depende da semântica e das esferas das atividades que são variadas relações com a utilização da língua, quer dizer, desenvolve-se fortemente a partir do aspecto citado, é um vínculo indissolúvel, orgânico com o gênero, porque só há estilo se houver gênero, sejam eles individuais ou da língua. Ele afirma que o estilo é o homem mesmo.

O gerativista Thorne considera a língua universal, havendo uma estrutura só para todas as línguas, é arraigado na história da cultura marcando o estilo que cada um tem, é a transformação pelo autor.

A dimensão estilística da variação pode ser entendida como a alternância de estilo (níveis de formalidade e informalidade) em enunciados de um mesmo falante, analisadas a

partir de duas naturezas: intra-individual e interindividual. Na dimensão intra-individual da variação estilística, o pesquisador analisa as várias manifestações lingüísticas de um mesmo falante, desde que sejam preenchidas, no mínimo, três cláusulas numa dada situação comunicativa: tema/tópico discursivo, identidade social do interlocutor, e espaço situacional (maior e menos formal/informal), conforme Lefebvre (2001, p. 209). Na interindividual, parte-se da soma de todos os enunciados de um mesmo informante para interlocutores de papel sociopessoal diferente.

O estilo também é um dos elementos de composição de um gênero discursivo. Bakhtin (1992, p. 42) declara que, até então, a psicologia do corpo social (ambiente inicial dos atos de fala de toda espécie) era estudada apenas a partir de um único ponto de vista, o do tema. Entretanto, ele considera esta perspectiva insuficiente, acrescentando mais um ponto de vista: além do conteúdo (ou tema) atualizado num dado momento do tempo, o ponto de vista também dos tipos e formas de discurso, através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, realizam-se, são experienciados. Bakhtin conclui que o tema, a estrutura composicional e o estilo como características designativas de um gênero a que o falante se sujeitaria.

A concepção é articulação de gênero discursivo e de estilo não estão separados de questões gramaticais: “toda gramática normativa inclui um espaço para a estilística e, além disso, a separação [gramática x estilística] revela uma diferença de perspectiva (Bakhtin, 1982, p. 255). O enunciado concreto, em oposição ao modelo que é a frase, entra nas “especificidades dos gêneros discursivos e no fato fundamental de que falamos em vários gêneros sem suspeitar de sua existência”. Quando falamos, policiamos estilisticamente nossas falas.

Para V. V. Vinogradov (1982) as tarefas da estilística só ocorrem, quando é feita uma análise estilística através do método estilístico que levará ao conhecimento do estilo individual do escritor, o método de trabalho de cada um, a consciência do criador, uma análise do que ele faz e da forma, o que determinará a época.

Esta concepção é a mesma de Bakhtin. “O enunciado oral e escrito, primário e secundário, em qualquer da comunicação verbal e individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual (...)” (Estética da Criação Verbal – Mikhail Bakhtin, p. 283).

E o formalismo russo, preocupa-se com os elementos da obra específica, os aspectos lingüísticos da obra individual do autor, excluindo a história da época, classificando os elementos do estilo, pelo método de descrição inerente no estudo considerando o

dinamismo de um estilo individual, à consciência do criador por uma relação do objeto e o interior, não o exterior a sua funcionalidade. Por isso obras escritas pelo mesmo escritor em épocas diferentes, não se projetam imediatamente ao mesmo plano, mas a relação entre as obras dará o sentido final; elas são descritas na ordem cronológica. E para a estilística, cada obra do poeta deve apresentar-se como um organismo expressivo do sentido final. Sendo as obras organismos vivos cada uma tem um aspecto comum que indica o estilo, assim obras do mesmo artista, escritor em épocas diferentes nota-se algo que é prova do seu estilo. E é idêntica a definição de Ducrot. “Fala-se do estilo de uma época, de um movimento artístico: o estilo romântico, barroco, etc. Seria preferível referir-se aqui a conceitos como: período, gênero, tipo”. [148 e S.] (Dicionário Enciclopédico – Os Conceitos Descritivos – Ducrot, p. 283).

Comunicar-se eficientemente parece, algo fácil e simples a qualquer indivíduo, dada a agilidade e a habilidade que todos têm de usar a língua. No entanto durante esse processo realizado automaticamente, ou seja sem uma real consciência do que subfaz à competência lingüística, não se questiona a seqüência de passos a percorrer para que se consiga realizar o complexo ato de comunicação por meio da língua. Para Bakhtin (1997), os indivíduos não dominavam os gêneros de discurso e tiveram de criá-los no processo da fala. As dificuldades da criação de um gênero a cada construção de enunciado de modo totalmente livre seriam sentidas na perda da agilidade do processo. Segundo Bakhtin, a língua se realiza por meio de enunciação (orais ou escritos) Diante das diferentes situações de uso, as enunciados vão sendo organizados, agrupados em tipos de acordo com a finalidade e ensinados de forma a levar o aprendiz a tomar conhecimento dos diferentes tipos e a usá-los de acordo com os objetivos que têm em mente.

Os enunciados – organizados e agrupados – são usados em toda e qualquer atividade humana. Essas atividades se caracteriza por condições especiais de atuação e por objetivos específicos, e, sendo inúmeras, cada esfera de atividade desenvolve tipos relativamente estáveis de enunciados que passam a ser comumente associados a elas. Mesmo variando em termos de extensão, conteúdo e estrutura, os enunciados conservam características comuns, daí serem considerados tipos relativamente estáveis. Bakhtin chama de gêneros do discurso esses tipos estáveis de enunciados. Vale ressaltar que o termo gênero normalmente é associado ao estudos literários, daí a tendência, nos estudos lingüísticos, para o uso da expressão tipos de texto, considerado mais neutro.

Existe evidência e proximidade que há entre os tipos textuais. Os tipos textuais, assim, não se limitam especificamente ao literário, ao jornalístico, ao técnico ou do científico:

soa na verdade, modelos gerais, que são escolhidos, adaptados e readaptados de acordo com cada função específica que exercem na comunicação. No ponto de vista lingüístico, uma das grandes dificuldades encontrada nas classificações de tipos textuais decorre da falta de distinção entre os planos ou níveis de análise, propõe critérios para uma classificação dos tipos textuais-discursivos em níveis. No nível 1 são contemplados critérios formais (ou internos), e no nível 2 são contemplados critérios funcionais, do âmbito do discurso (ou externos). A partir do segundo nível surge a diferença fala-escrita e pode ser observada a existência de alguns “exemplares prototípicos” ou casos que apresentam propriedades que permitem uma rápida identificação do tipo de texto como uma estrutura de referência.

Trago emprestado de Llite (1999: 201/202), dois recortes discursivos que mostram os efeitos da sociolinguística na política de ensino do Estado. Os recortes que seguem fazer parte do documento escrito pela Comissão Nacional para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Materna criada pelo Ministério da Educação em função de um generalizado reconhecimento do fracasso da escola diante do ensino da língua no período que se seguiu à institucionalização da Lei de Diretrizes e Bases em 1971, período em que se dá mais fortemente a chamada democratização da educação.

Os estudos acerca das variedades lingüísticas e das diferenças entre variedades social e culturalmente privilegiadas e variedades social e culturalmente estigmatizadas não são recentes. No entanto, esses estudos e pesquisas ainda não beneficiaram o ensino da língua, que tem desconhecido a existência e legitimidade das variedades lingüísticas, e não tem sabido reconhecer que seu objetivo último é proporcionar às novas Camadas Sociais, hoje presentes na escola, a aquisição da língua de cultura, cujo domínio se soma ao domínio das variedades naturalmente adquiridas. Sem esse domínio da língua de cultura pelas Camadas Sociais e Culturais e da participação política.

Língua de cultura x língua natural. Este se adquire naturalmente mas nela falta cultura que está presente na outra que só se adquire na escola. Cultura de quem? Cultura que deve ser somada à não-cultura das variedades naturais, daí decorre. Somar, enriquecer Camadas Sociais, com o quê? Com uma cultura que dá acesso aos bens culturais e ao exercício da política. As outras variações naturalmente adquiridas não possuem, portanto, bens culturais. A ressonância discursiva como língua civilizada e língua bárbara parece-me, evidente, apesar de todas as boas intenções que podem estar implicadas nestas considerações.

Língua de cultura e variedades naturalmente adquiridas estariam funcionando para frasticamente como língua de civilização e língua de cultura. Respectivamente. Nesse sentido “língua de cultura” inscreve-se nos sentidos de um instrumento de uma civilização superior.

Variedades naturalmente adquiridas tomam o lugar do diferente (inferior) que, por uso, não tem direitos políticos não de verdade cidadão.

Na realidade a fala sofre variação lingüística falar bem hoje o nosso português é um privilégio social de poucos brasileiros que seguem as regras gramaticais como por exemplo: os gramáticos somente eles obedecem as normas gramaticais. As variações lingüísticas sofrem alterações de estado para estado, de região para outra região, a nossa língua ela não é única e sim complexas. Também depende muito da classe social a qual pertencemos.

O estilo de um ciclo formado de obras heterogêneas de um escritor é representado por um sistema de procedimentos estilísticos comuns a todas obras, que são manifestações de uma consciência criadora, pois há um núcleo semântico, tendo ao redor as nuances periféricas de significação, tendo a palavra com a somatória de todos os lexemas nuances. O que é confirmado por Ducrot.

A plurivalência. O discurso não evoca apenas sua referência imediata, mas sempre também outros discursos”. (Dicionário Enciclopédico, Os Conceitos Descritivos, p. 275). “O estilo como escolha que todo texto deve operar entre um certo número de disponibilidades contidos na língua. O estudo assim compreendido é equivalente nos registros da língua mais os seus subcódigos; e a que se referem expressões como estilo figurado, discursivo, emotivo, etc.”. (Dicionário Enciclopédico, Os Conceitos Descritivos, p. 274).

Só que o estudo funcional é imanente dos estilos individuais não é o único objetivo da estilística. Ela também solucionam os problemas próprios da lingüística, porque a criação lingüística do escritor é importante com microcosmo, com seu sistema entre elementos lingüísticos e as leis de suas ligações, mas também com elas no encadeamento dos estilos sucessivos.

(...) “Tanto os estilos individuais como os que pertencem à língua, tendem para os gêneros do discurso. Um estudo mais ou menos profundo e extenso dos gêneros do discurso é absolutamente indispensável para uma elaboração produtiva de todos os problemas da estilística”. (Estilística da Criação Verbal – Os Gêneros do Discurso, p. 287).

Enfim, a esquematização morfológica do método retrospectivo e projetivo da estilística histórica compreende uma parte da perspectiva histórica, e de outra estudar a atividade lingüística dos (escritores de maneira funcional e imanente, o que une suas obras

integralmente de procedimentos estilísticos, o significado dos elementos, sua função na participação do todo e assinala as semelhanças principais.

O crítico desconfia do próprio instrumento de trabalho, torna-se insatisfeito com a imprecisão da sua atividade, onde sua arte nutre o sonho fantástico de que possa ser reduzida à firme precisão de uma ciência, para com à sua própria intenção e seja inconfundível para seu público.

Com a esperança de dar a linguagem da crítica, um sentido constante e invariável para conseguir um domínio sobre os instrumentos do seu ofício. Ele se preocupa com a recepção do texto, com um ideal de definição. Por isso “quando estudamos as propriedades estilísticas da língua não se deve apoiar-se nos textos concretos, que os ilustram”. (Dicionário Enciclopédia – Os Domínios, p. 81)

E os termos depreciativos mais comuns na crítica é a palavra: Decadência, um termo histórico, período da história de uma sociedade com suas velhas instituições em dissolução e as novas ainda não formadas, um período de transição entre uma estrutura ou idéia social e outra; e estritamente metafórico. O crítico usa para descrever um período em que há visível transição entre um ideal, uma série de padrões e outros, denominadas decadência. Enuncia que decadência histórica que leva a social metafórica. Na prática dos críticos, que têm de manter-se atentar às sugestões de sua linguagem, a empregada de forma que pressupõe a decadência gramatical é erradíssima.

Esta noção é discordada por vários escritores estilicistas. E como diz Foucault: “enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e dotada que não se pode reduzir” (idem, 116), e Ducrot, em um texto mais recente, define anunciação como “acontecimento histórico, isto é, o fato de uma frase ter sido objeto de um enunciado” (1984, p. 369). A historicidade do enunciado, então, é a condição necessária e suficiente da constituição dos signos e por contingente da língua. (...) uma dispersão de regularidades lingüísticos constituídos sócio-historicamente. (Guimarães, 1977).

Se é difícil esclarecer os significados de críticas, imagine estilo, que para alguns é o próprio homem (Buffon) um estilo consiste em acrescentar a um pensamento dado, todas as circunstâncias calculadas para produzir o efeito total que este pensamento deve produzir. “É a noção de fato estilístico de Sptzer (...) “pode referir-se tanto ao pensamento como aos sentimentos (Dicionário Enciclopédico. Os Domínios, p. 81).

Uma discussão da palavra Estilo, se conduzida apenas com uma investigação científica, que abrangem toda a estética e toda a teoria da crítica.

Ocorre uma grande confusão já que estes significa idiosincrasia pessoal de expressão pela qual reconhecemos um escritor, e muitos elementos concorrerem para compor esta individualidade, e lê-lo não significa elogio, porque estilo é a qualidade de expor lucidamente uma seqüência de idéias neste sentido só pode aplicar com a propriedade, à exposição de idéias intelectuais. É como diz Flaubert: “É a maneira individual de um escritor encarar as coisas”.

A teoria das figuras é obscura, porque ela é um fato de semântica lingüística, e a própria semântica ainda está longe de ter resolvido todos os seus problemas.

“Estilo é artificial no sentido de que todos os bons estilos resultam de artifício” (O problema dos Estilos – A Significância do Estilo p. 29); e na concepção de Shakespeare é realmente impossível conceber metáforas, como espécie de ornamento. A metáfora é a única expressão da visão individual de um escritor”. (Problema de Estilos. A significação p. 26).

Portanto, e confesso demais a aceitação da importância da figura no texto de determinada obra.

Existem certas regras gerais de composição: não ser ambígua, evitar solecismo, e a gramática deve ser razoavelmente correta, muitos escritores cometem faltas, pois Shakespeare passou inteiramente por cima de gramática, nas suas últimas obras. Um grande escritor nunca é por ser, que o reconhecimento ele próprio do que nas suas passagens; para empregar uma frase vagamente metafísica. Estilo absoluto é a completa realização de uma significação universal em uma expressão pessoal e particular. O crítico perfeito não existe e jamais existiu. Alguns são bem sucedidos algumas vezes e falham em outras. E os diferentes sentidos que encerra a palavra estilo levou a devastação tanto ao espírito do crítico quanto ao leitor.

Todo estilo é artificial no sentido de que todos os bons estilos resultam de artifício. O estilo está em relação direta com o âmago ou núcleo da experiência emocional e intelectual.

O posicionamento do formalismo russo diante do estudo da Estilística exclui elementos exteriores, por conta de que esse estudo deve ser feito individualmente. Digamos que se escolhêssemos as obras de Machado de Assis, obras de épocas diferentes, para fazermos um estudo estilístico, não seria aconselhável incluir nesse estudo obras de outros autores. Nesse estudo individual que é feito por um método descritivo imanente e funcional de cada obra, podemos perceber por meio de vocábulo, figuras, marcas que denotam a especificidade do estilo do referido autor.

Então estilo é uma sutileza de harmonia, é uma idiosincrasia pessoal, os elementos que concorrem para compor esta individualidade, ter estilo não significa ser bom nem ruim

na sua arte, na sua criação. Tudo aquilo que possa contribuir para tornar reconhecível o que um homem escreve inclui-se no seu estilo.

A individualidade do estilo de cada um volta-se para o emprego de figuras que tem o poder de modificar uma expressão que pode ser considerada normal, e as figuras, a subjetividade das palavras em determinado contexto, quer dizer a conotação define o estilo. Assim se Machado de Assis emprega metáforas para enriquecer a sua obra literária, usa uma linguagem figurada completamente diferente da linguagem cotidiana, pois é um direito que lhe é concebida.

O crítico no seu trabalho em literatura deve estar próximo da obra, pois é ela que diz ao crítico, que estilo é algo mais complexa do que as suas considerações no mais ter estilo é a relação particular com o nível universal.

Todavia os autores de livros didáticos usam textos poéticos para que neles estudemos a gramática, e aí onde está a confusão, se as figuras fossem mesmo desvio gramatical e que só existissem na literatura, os autores de livros didáticas não usariam com tanta frequência os textos poéticos, por conta de que eles prejudicariam o estudo da gramática. Por estas e outras conclusões é que percebemos que as figuras são subsídios e um recurso nas artes literárias.

CONCLUSÃO

Este artigo, foi elaborado a partir de todo trabalho de pesquisa que fizemos tendo como arcabouços quatro livros didáticos, com o intuito de descobrir como cada autor trabalhou “Estilo”, fazendo sim confronto com os posicionamentos dos teóricos explicitados.

Investigamos primeiramente o livro didático de Faraco & Moura intitulado Língua e Literatura; dando continuidade introduzimos nessa investigação Haroldo Romanzini, autor do livro Literatura, gramática e criatividade; Faraco e Moura com Literatura Brasileira; e o de Maia Português Novo Ensino Médio. E através da investigação dos quatro volumes constatamos que para os autores Estilo não é só a maneira de expressar o pensamento oral ou escrito, mas também faz referência a arte, a expressão individual de um artista em determinada época.

Na apresentação do livro didático de Faraco & Moura, intitulada Língua e Literatura volume 2, editora Ática, ele agradece as críticas e sugestões dos leitores, dizendo que estas críticas são importantes, pois, servem de subsídios para a reformulação da língua e literatura. Porém os princípios que nortearam a elaboração do livro como: um tratamento

sério, consiste e, ao mesmo tempo, agradável; ao material que serve como ponto de partida para o estudo da língua e literatura no segundo grau.

O método de Faraco & Moura repassar os conteúdos da língua e da literatura são através de textos poéticos. Para fazer o estudo de gramática, Faraco & Moura explicaram o texto de maneira que abordam os objetivos que ele quer alcançar que são: O estudo da língua e da literatura.

Faraco & Moura possui convergência com o método Vinogradov. (... 1996). “O historiador do estilo compreende com ajuda de suas pesquisas como os objetos estilísticos em diferentes escolas.

Chamo esse método da estilística um método retrospectivo e projetivo. Faraco & Moura buscam o confronto e o estudo do estilo individual de cada autor, segundo a observação do índice e os conteúdos. Faraco & Moura vê estilo com uma marca individual do artista.

Estilo é a maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos por meio da linguagem. Todo escritor tem seu estilo próprio, isto é, sim expressão reveste uma forma característica, pela qual se manifesta sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito.

Além destas características individuais que diferenciam os autores, o estilo revela, também os traços psicológicos da raça e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literários ao longo dos tempos. Neste sentido é que há estilo clássico, romântico e modernista.

No término deste artigo o qual nos foi uma experiência de grande valia, por nos mostrar que estudar é pesquisar, confrontar teorias, como também usar os posicionamentos teóricos na praticidade, do mesmo modo, contestá-los usando nossas próprias raciocínios.

O importante é comunicar, qualquer língua é um meio de comunicação, frequentemente esquecido pelos que transformam o estudo da língua em estudo de gramática. Tradicionalmente, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil se volta para a exploração da gramática normativa, em sua perspectiva prescritiva (imposição de regras) e também analítica.

Fatores externos e internos motivaram essa tradição. Como fatores externos, temos que, segundo Soares (2001, 211-212), a disciplina Português passou a integrar os currículos escolares brasileiros, a partir das últimas décadas do século XIX, depois de o sistema do ensino estar organizado há muito tempo. O que havia antes era o ensino de Português para a alfabetização, após isso, o grupo social que continuaria os estudos era da classe social mais abastada, de elite, que tinha práticas de leitura e de escrita em seu meio social, que palavra uma variedade da língua tida como culta, a mesma que a escola usava e queria ver sendo

usada. Com isso, ensinar português era levar ao conhecimento dos alunos as regras gramaticais.

Como fatores internos, temos o de que a classe abastada, que prosseguia seus estudos, iniciava-se, após a alfabetização, na gramática do Latim, ao lado do estudo da retórica e da poética, e o fato de os estudos do Latim serem gramaticais e terem uma longa história nas escolas (Soares, 2001, 212-213). Com isso, ao se passar ensinar Português, seguiu-se o modelo conhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTIN, Martins Fontes. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: 1997.

_____. Língua, fala e enunciação. In: **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

Câmara Ir. J. M. **Dicionário de Lingüística e Gramática**: referente a Língua Portuguesa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

DUCROT & TODOROV. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO & MOURA. **Língua e Literatura**. Volume 2, Editora Ática, S.A. 1990.

MAIA, João Domingues. **Português – Série Novo Ensino Médio**. Edição Revista e Ampliada. 7ª ed. 1ª impressão, Editora Ática. (1986)

VINAGRADOV, V. V. **As tarefas da Estilística**. In Teoria da Literatura: formalistas Russos, Porto Alegre-RG, Globo, 1976.